

## *História e Literatura em O Mez da Grippe, de Valêncio Xavier*

Bruno Mariano Horemans<sup>1</sup>

### **Introdução**

Interessante caso na literatura brasileira contemporânea, o paulistano radicado em Curitiba, Valêncio Xavier, tem de sua autoria uma série de obras atípicas que fogem aos moldes da literatura tradicional ao arquitetá-las em formatos complicados de se precisar e escritas em gêneros situados à beira do indecível. Obras como *O Mez da Grippe*, *Rrememбранças da Menina de Rua Morta Nua* e *Minha Mãe Morrendo e o Menino Mentido* aparecem na produção literária brasileira como uma Literatura cheia de complexidades que pede leitura atenta e articulação teórica com conceitos fora da teoria tradicional. A transgressão de materiais e formas, que o autor explora, abre caminho para produtos híbridos que geram reflexões sobre o próprio fazer literário e a relação da Literatura com outros campos de linguagem e de conhecimento.

A seguinte comunicação tem como objetivo explorar uma de suas obras mais condensadas, *O Mez da Grippe*, onde autor explora, através de uma referencialidade histórica, as potencialidades de uma literatura que se baseie em materiais objetivos e aparentemente inquestionáveis para desenvolver uma narrativa que extrapola os limites de uma representação simples de apresentação de fatos e dados. Em *O Mez da Grippe*, os discursos colhidos pelo autor e justapostos em sua composição se tornam personagens para uma obra literária que simula que é História para poder ser Literatura.

### **O autor**

Nascido e criado em São Paulo, Valêncio Xavier Niculitcheff (1933-2008) se muda para Curitiba ainda jovem e adota a cidade como sua. Jornalista e escritor, Xavier também dedicou sua vida ao audiovisual, tendo dirigido e escrito produtos tanto para o cinema como para a televisão. Esses breves dados biográficos podem ser condensados no apelido "o Frankenstein de Curitiba", dado pelo escritor e editor Joca Terron<sup>2</sup>, o qual, fazendo contraponto a Dalton Trevisan, o vampiro de Curitiba, demonstra característica

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> Frankenstein de Curitiba mostra nova cria literária. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq20039903.htm>>. Acesso em: 14 de Setembro de 2023.

importantíssima à sua obra — a sua capacidade de transitar por entre materiais e linguagens aparentemente estranhas.

Os lugares de trânsito do autor se fazem presentes em sua obra: a São Paulo de sua infância é um dos personagens centrais de *Minha mãe Morrendo e o menino mentido*; e a sua cidade escolhida, Curitiba, é o centro do mundo pela qual sua narrativa é construída e toma projeção. Seu olhar de jornalista e tempo de redação se tornam transparentes com a familiaridade com que ele mexe com os materiais de *O Mez da Grippe*; e sua experiência com o audiovisual fica evidente tanto na sua capacidade em lidar com um fluxo grande de informações em sequência cadenciada e nos seus cortes rápidos entre discursos e imagens, como em *Rremembranças da menina de rua morta nua*.

Essa experiência para além do campo literário faz com que a obra de Valêncio Xavier seja capaz de lidar com outras linguagens e outros materiais, produzindo obras multifacetadas que flertam com outros campos da arte e do conhecimento em obras atípicas.

### **Atípica obra**

Utilizando de materiais que vão de fotografias a desenhos, relatórios, quadrinhos, relatos de memória, recortes de jornal, croquis, anúncios publicitários, poesia, letras de música e o que mais de linguagem humana é possível encontrar, Valêncio Xavier configura obras narrativas que fogem de modelos literários tradicionais como o romance.

Essas produções podem ser curtas, com algumas poucas páginas, ou longas, passando de uma centena de páginas sob uma única unidade literária; sendo divididas, muitas vezes, em seções, partes, ou então organizadas por dias, datas, entradas como em um diário ou uma folha de jornal. Seus textos podem flertar — por tamanho ou conteúdo — com crônicas, contos, novelas, ou até mesmo romances, se flexibilizarmos nossa compreensão sobre o tradicional formato. Algumas das vezes, autor fornece alguma indicação de como tratá-las, chamando, por exemplo, uma de suas obras como "novela em imagens"; em outras, no entanto, a direção fica inteiramente à critério do leitor, que nunca sabe se o que está lendo terminará em poucos segundos, minutos ou horas.

Esses formatos imprevisíveis, com materiais diversos e dinâmicos, são perpassados também por gêneros literários familiares, mas à própria maneira do autor. É possível perceber influências do texto jornalístico em algumas de suas obras e sentir que se está lendo reportagens, algo como um romance-jornalístico que, situado para além do formato tradicional, toma outro carácter. Em outra obra, o registro em primeira pessoa parece com um

diário. Com imagens coletadas e de caráter pessoal, o diário se transforma então em um álbum de família para, logo depois, pegar desprevenido o leitor e transformar tudo aquilo então em uma homenagem à cidade de infância do autor, ao mesmo tempo que, por entre linhas, autor relata uma história de assassinato. Em outro livro, os materiais guiam o olhar do leitor como se ele estivesse lendo um jornal, com anúncios e propagandas, uma orquestra de materiais que, por sua distância temporal, se assemelha a um livro de história.

Aqui nesta comunicação, para dar dimensão à obra deste autor, trago três livros, cada um com seus formatos, materiais e fluxo de gênero específicos.

Publicada pela primeira vez em 1981, *O Mez da Grippe* — obra denominada como *novella* pela autor — teve eventual publicação em coletânea com outras obras em 1998 pela Companhia das Letras, ganhando o prêmio Jabuti por produção editorial em 1999, também teve reedição em 2020 pela editora Arte e Letra de Curitiba, justamente no ano em que uma nova pandemia atingiu o mundo. Em *O Mez da Grippe*, o autor organiza, por data, em entradas diárias cobrindo de outubro a dezembro de 1918, materiais referentes à epidemia de gripe espanhola em Curitiba. Para isso, ele traz manchetes de jornal, anúncios comerciais, relatórios oficiais do serviço de saúde, relatos de memória, diagramas e fotografias dispostas de maneira a elaborar um percurso social e temporal dos meses a que se refere. À primeira vista, a coleção de materiais parece um trabalho histórico, uma recriação ilustrativa de uma situação referencial, mas a multiplicidade de discursos contidas em cada material e colocadas lado-a-lado em embate faz que narrativas e vozes tomem corpo para além do que os materiais isolados em análise superficial seriam capazes de prover.

Já em *Minha Mãe Morrendo e o Menino Mentido*, de 2001, também pela Companhia das Letras, o autor assume a tarefa aparentemente autobiográfica de reunir memórias de sua infância. Digo aparentemente pois é impossível verificar a veracidade do que nos é contado por meio dos materiais a que ele recolhe e organiza de forma a criar uma narrativa. Sua primeira parte, que trata de sua mãe, tem pouquíssimo texto e parece quase como um álbum de família com as antigas fotos de sua mãe na juventude, não há porque duvidar da pessoalidade ou veracidade do que é apresentado em um material tão difícil de ser penetrado. No entanto, em sua segunda parte, quando trata das memórias da cidade de São Paulo de sua infância e de sua vida escolar, o que nos é apresentado, por meio de piadas infantis e referências a quadrinhos e cinema, não é tão pessoal e distante assim. Por meio das páginas aparentemente memorialistas do autor, surgem considerações e reflexões sobre a cidade em sua constituição sócio-política que extrapolam o universo íntimo.

Por último, em *Rrrememбранças da Menina de Rua Morta Nua*, de 2004, também pela Companhia das Letras, Valêncio Xavier se aproxima dos modelos e da linguagem jornalística justamente para fazer uma crítica ao modelo informativo e sensacionalista próprio do gênero. Ao reportar um caso de polícia retratado pela mídia à sua maneira, Valêncio tanto se aproxima do que é próprio do jornalismo, como se distancia em recusa extrema à insensibilidade de uma mídia que noticia fatos com o mesmo cuidado que um gato tem com as suas presas. O mesmo mecanismo de colagem de materiais, aqui trechos transcritos de televisão, anúncios e reportagens jornalísticos, tomam o caráter de literatura ao se juntarem com pequenos outros textos, bilhetes, verbetes de dicionário que possibilitam com que o material retratado tenha a dimensão sensível que ele merece.

### **Do material ao produto final**

Ao se tomar às mãos produtos idiossincráticos como esses, não é estranho se questionar se essas obras são de fato Literatura. Tomar às mãos *O Mez da Grippe* e se defrontar com imagens, ilustrações e diagramas sem nenhuma intervenção de narrador ou comentário, em prosa ou poesia, de um autor, é de fato estar fora de um ambiente convencionalmente literário.

Se olhados individualmente, cada material funciona por si só em seu próprio universo. Uma capa de jornal é um material interessante por si só e oferece completude, as manchetes do dia não pedem narrativas anteriores ou posteriores da maneira que são apresentadas. Esses materiais são informação no sentido mais Benjaminiano da palavra, são dados, avisos sobre o mundo que não pressupõem engajamento e nem oferecem experiência sensível, somente prática e informativa. No entanto, ao percorrer todos estes materiais até o final, o leitor não deixa de ter a sensação de que sua leitura foi de fato uma experiência literária, que aquela edição de materiais avulsos está de fato orquestrada em uma narrativa que atravessa a barreira da simples informação. Como lidar então com essa dualidade e ser capaz de refletir como o problema Benjaminiano sobre a modernidade — o excesso de informação e a morte do narrador — pode ser transposto usando justamente uma série de materiais informativos?

Em seu *Sobre fotografia*, Susan Sontag (2004) traça percursos reflexivos sobre a natureza da imagem após a invenção da fotografia e como essas representações mudaram a capacidade humana de ver e representar a realidade que nos cerca. Aparentemente uma captura objetiva e rápida da realidade sem a interferência direta, por exemplo, de um artista plástico, uma nova "ética do ver" se desenvolve com o advento da fotografia em um momento

que se torna mais rápido e simples do que nunca "capturar" o mundo à nossa volta. Essa vontade insaciável de capturar em imagens o que vivemos, no entanto, ainda assim pressupõe um sujeito por trás da câmera:

Enquanto uma pintura ou uma descrição em prosa jamais podem ser outra coisa que não uma interpretação estritamente seletiva, pode-se tratar uma foto como uma transparência estritamente seletiva. Porém, apesar da presunção de veracidade que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos, a obra que os fotógrafos produzem não constitui uma exceção genérica ao comércio usualmente nebuloso entre arte e verdade. Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. (SONTAG, 2004, p.24)

Essa reflexão se faz interessante para pensarmos a obra de Valêncio Xavier pois lida com um de seus materiais mais relevantes para suas construções, explicitando uma tensão oculta que invariavelmente existe em toda produção humana — por trás de cada representação, seja em palavra ou imagem, existe um sujeito por trás com intenções e afinidades. Xavier faz suas obras justamente nessa fina camada dos materiais, ele utiliza desses discursos ocultos para construção de significados próprios para suas obras.

Ilustrando esse movimento, trago aqui três trechos da obra que fazem o percurso da doença em Curitiba. No primeiro trecho, retirado das primeiras páginas do livro, temos uma nota de algumas linhas detalhando o evento que trouxe a epidemia para a cidade, um casamento foi realizado e alguns dos convidados, vindo do Rio de Janeiro, trouxeram a moléstia com eles — o início da doença. No segundo, durante a pandemia, temos o recorte de um anúncio publicitário de um remédio, "*Balsamo Santa Helena*", usado para tratar a gripe. Por fim, o terceiro trecho, já das últimas páginas do livro, traz uma nota "VIDA SOCIAL: Os cinemas 'in totum' abrirão amanhã, anunciando exhibições novas de pelliculas attrahentes. - CP" (XAVIER, 2020). Ao trazer esses três pedaços informativos, de fontes e tons diferentes, para contar a trajetória da doença, Xavier entrega não só a narrativa simples e cronológica de um referencial histórico — a epidemia de gripe espanhola em Curitiba — como também oferece uma dimensão íntima humana dessa realidade retratada, criando no leitor uma construção de personagens, cenário e movimento para esse mundo assolado pela doença. Dizer que a pandemia acabou é uma maneira objetiva de informar, mostrar que os cinemas abriram é outra dimensão de comunicação.

Isolados, cada material tem autonomia própria de sentido, valor estético e referencialidade, porém juntos, em uma construção orquestrada, tomam outra dimensão de narratividade e transmissão de experiência. Não mais restritos ao nível informativo da palavra — para voltar a Benjamin (1987) — as diferentes linguagens conseguem aparecer como experiência estética narrativa. O problema da modernidade Benjaminiano parece achar

soluções na literatura contemporânea, há ecos desse procedimento característico de Valêncio Xavier na elaboração que Josefina Ludmer faz acerca das literaturas contemporâneas que parecem não se encaixar nos modelos tradicionais. É o que a ensaísta chama de Literaturas pós-autônomas, que mesclam a escrita do presente — aqui entendo esse termo também como Literatura Contemporânea — com as escritas do passado, referencialidades ou materiais, ficcionais ou não, que são evocadas para compor essas novas escritas:

(Essas escrituras diaspóricas) reformulam a categoria de realidade: não se pode lê-las como mero “realismo”, em relações referenciais ou verossimilhantes. Tomam a forma do testemunho, da autobiografia, da reportagem jornalística, da crônica, do diário íntimo, e até da etnografia [...]. Saem da literatura e entram “na realidade” e no cotidiano, na realidade do cotidiano [...]. É uma realidade que não quer ser representada porque já é pura representação [...]. Absorve e funde toda a mimese do passado para constituir a ficção ou as ficções do presente. Uma ficção que é “a realidade”. Os diferentes hiper-realismos, naturalismos e surrealismos, todos fundidos nessa realidade desdiferenciadora, se distanciam abertamente da ficção clássica e moderna. Na “realidade cotidiana” não se opõe “sujeito” e “realidade” histórica. E tampouco, “literatura” e “história”, ficção e realidade. (LUDMER, 2010, p.2)

## **História e Literatura**

Em *O Mez da Grippe*, o ponto de fusão e intersecção entre representação e realidade é marcado contundentemente pelo referencial histórico da pandemia de Gripe Espanhola do início do século XX, demandando — ou abrindo caminho para — que sejam abordados questionamentos e perspectivas sobre a relação entre os polos de Literatura e História.

Ao elaborar sua obra com os diferentes materiais a que fez referência, Valêncio Xavier está mexendo com as unidades básicas e essenciais do fazer histórico, os documentos: "Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem" (LE GOFF, 2019, p.490). Cada trecho de jornal, fotografia, relatório, nota, memória, é uma unidade de história, um vestígio, uma informação de algo que existiu, aconteceu e que foi sentido por aqueles que viveram, mas que, no entanto, é impossível de ser acessado como realidade da mesma forma que foi no passado.

Como campo de estudo, a história trabalha com o registro, é o papel dela ser a capaz de arquivar e organizar esses mesmos documentos de uma forma que faça sentido a sua transmissão. Nas palavras do historiador francês Jacques Le Goff, "A ciência histórica define-se em relação a uma realidade que não é nem construída nem observada [...], mas sobre a qual se "indaga", se testemunha. [...] Assim, a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer 'Eu vi, senti'" (2019, p.10-11). É essa mesma missão arquivista e organizadora que parece estar operando em *O Mez da Grippe* quando se olha à primeira vista.

Até mesmo suas entradas em datas parecem simular uma espécie de organização diarista de acontecimentos em pura sucessão cronológica. É justamente nesse jogo que parece distanciado e historiográfico, sem narrador ou personagens aparentes, que o autor trabalha o seu material estético e sua capacidade de dar forma para discursos apagados, conflituosos e dissonantes.

Trabalhando com a história ele chega à narrativa literária.

A história precisa do âmbito da linguagem para poder existir, sem ela, não há como articular, ou nem sequer reunir, materiais. Tanto em sua recepção quanto em sua transmissão — sendo a História a ciência do que aconteceu com a humanidade — é necessário que exista linguagem e comunicação. É nesse eixo que a História tem uma de suas mais complicadas relações, e nesse eixo que Valêncio faz sua obra. Se existe linguagem e comunicação, existirá narratividade. Por mais equânime e objetivo que qualquer retrato da realidade queira ser, a partir do momento que existe um sujeito tirando uma foto — ou escrevendo a História — a linguagem se organizará em narrativa.

O pesquisador norte-americano Hayden White trabalha, em seu *Meta-história* (1992), com a importância da narrativa no discurso e na produção histórica e demonstra, com alguns dos grandes historiadores do século XIX, como ela é essencial e inescapável à produção humana. White chega até mesmo a dizer que o impulso de narrar e a forma da narrativa são tão naturais e inevitáveis para qualquer relato de como as coisas aconteceram que a narrativa seria problemática somente em uma cultura em que ela não exista (1987, p.1).

*O Mez da Gripe* mostra como é simples e sutil criar uma narrativa com o mínimo de interferência pessoal possível, basta escolher, evidenciar, cortar, colar, sublinhar e deslocar os produtos da produção humana para que os discursos sumam ou apareçam. A realidade não é simples, não é completa e nem oferece respostas objetivas e pontos de vista fixos. A obra literária, o fazer literário e a análise literária estão livres para percorrer caminhos da experiência que outras áreas não poderiam. Enquanto a História está presa ao discurso historiográfico em sua pretensão de objetividade e direcionamento amplo e geral da história humana, a Literatura é o campo capaz de lidar com o que não é objetivo, com o que é particular, direcionado, com o incompleto e o lacunar, sem precisar fazer concessões ou ser menos importante pelas inconsistências e incompletudes que o material da realidade nos oferece.

Contemplar a importância da narrativa como elemento essencial da produção humana, histórica ou literária, possibilita uma leitura de *O Mez da Gripe* que dialoga com essa volatilidade.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.197-221.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Nilson Moulin, Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019.
- LUDMER, Josefina. Literaturas Pós-autônomas. Tradução de Flávia Cera. SOPRO, Desterro, n. 20, janeiro 2010.
- SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: Sobre Fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. In: The Content of the Form Narrative Discourse and Historical Representation. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.
- WHITE, Hayden. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- XAVIER, Valêncio. Minha mãe morrendo e o menino mentido. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- XAVIER, Valêncio. O Mez da Grippe e outros livros. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- XAVIER, Valêncio. O Mez da Grippe. Curitiba: Arte e Letra, 2020.
- XAVIER, Valêncio. Rremembranças da menina de rua morta nua e outros livros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.